

economia - Brasil Saída para a economia global está nas mãos dos EUA

TOM PETRUNO
Los Angeles Times

Parece triste notar que o modelo de moeda estável hoje em dia é o do Japão. Enquanto os mercados financeiros de todo o mundo balançavam na semana passada, depois que o Brasil entrou para o clube da desvalorização, o Banco do Japão passava os dias comprando dólares e vendendo ienes, tentando fazer com que o iene forte não se fortalecesse ainda mais.

Para alguns, que tentam apreender os rudimentos dos mercados monetários, a experiência do Japão sugere que o melhor meio de garantir uma moeda forte – e assim o sólido poder aquisitivo do povo na economia global – é a depressão, com taxas de juros lá em baixo e um mercado acionário no qual ninguém quer investir.

Enquanto isso, o Brasil, que finalmente deixou sua moeda desabar na sexta-feira – fazendo com que a desvalorização em uma semana chegasse a 18% em relação ao dólar –, era premiado com a alta de 33% nas bolsas de valores.

Caso se queira levar o aparente absurdo ainda mais longe, veja-se que no ano passado o dólar, na prática, perdeu valor em relação à maioria das principais moedas, embora a economia dos EUA continuasse sólida sob todos os aspectos. Se desvalorização dá nisso, talvez devamos rezar para que haja mais.

A dificuldade que até profissionais dos mercados têm em explicar as oscilações das moedas sugere que não existe um percentual para a maioria dos americanos tentar assimilar o quadro inteiro. Mas algumas pessoas não podem fazer mais que enfrentar a situação: aqueles cujas empresas estão envolvidas em exportações ou importações, por exemplo, e os imigrantes recentes, que têm estreitos laços financeiros com as famílias ou empresas em seus países de origem. (Se você tiver parentes no Brasil, por exemplo, cada dólar que lhes enviar agora naturalmente vai comprar muito mais do que há uma semana).

Para os investidores americanos, talvez o melhor motivo para dar de ombros para a desvalorização no Brasil é que a onda de desvalorizações anteriores, iniciada com a Tailândia em julho de 1997 – que desembocou na Rússia em agosto do ano passado – parecer ter pouco efeito negativo na vida global dos EUA.

Lembram-se das previsões sobre as políticas comerciais protecionistas, que levaram à depressão global? Um país desvalorizava sua moeda, tornando suas exportações mais baratas para o restante do mundo (uma das poucas vantagens da desvalorização), e forçava outros países a desvalorizar para garantir a competitividade dos preços de suas exportações. Daí surgiu uma corrida para o fundo do poço.

Naturalmente, o valor de muitas moedas desabou em comparação com o dólar em 1997. Mas, longe de se contentar em ter moedas mais fracas, muitos dos países mais duramente atingidos, entre eles a Tailândia e a Coreia do Sul, empenharam-se a fundo em fortalecer suas economias conturbadas e erguer suas moedas dos níveis drasticamente baixos.

No fim de 1997, eram necessários 1.580 won sul-coreanos para comprar um dólar. Hoje são necessários 1.184. É uma reação de 25% no poder aquisitivo dos coreanos.

Portanto, por mais sofrimento que a crise financeira e a desvalorização na Ásia tenham infligido a milhões de pessoas em economias emergentes nos últimos 18 meses, não desencadearam a degradingolada econômica global que muita gente receava – nem resultaram numa queda constante no valor das moedas.

Agradecemos aos consumidores e às empresas americanos e europeus por continuarem gastando dinheiro. Embora os setores industriais dessas economias tenham sido afetados porque a demanda de suas importações em grande parte do mundo desenvolvido diminuiu,

os EUA e a Europa de um modo geral continuarem crescendo, apoiados pelo vigoroso consumo dentro de suas fronteiras.

Em parte, esses gastos nacionais são apoiados pelos efeitos colaterais benéficos (ao menos para os consumidores) da turbulência na Ásia e em outros países do mundo: a queda dos preços das commodities, principalmente da gasolina, e taxas de juros muito menores.

Talvez não seja, portanto, de surpreender que o preço das ações nos EUA tenha disparado depois que o Brasil concordou em deixar que sua moeda caísse para um nível que o mercado livre julgava adequado, levando em conta o vultoso déficit orçamentário e outros problemas do país.

O Índice Dow Jones subiu 219,62 pontos, ou 2,4%, ficando em 9.340,55 pontos. Apesar das marcantes quedas no começo da semana, quando o Brasil ingressava no palco da crise, o Dow, no fechamento, ficou só 3,1% abaixo de seu maior nível, 9.643,32 pontos, registrado em 8 de janeiro.

“Depois de uma longa experiência com explosões de moedas e de mercados na Ásia e noutros pontos, os investidores nos EUA e na Europa parecem ter contraído a fadiga da crise, que se traduz em certa complacência”, disse John R. Williams, economista na BT Alex. Brown, em Nova York.

“Desvalorização? Já conheço, fiz isto e aquilo”, os mercados pareceram dizer na sexta-feira. Mas a decisão tomada pelo Brasil não seria um prenúncio mais grave do que o aparentemente admitido por Wall Street?

As pressões da desvalorização atingiram outras moedas na semana passada. O peso mexicano foi arrastado para uma baixa sem precedentes na quinta-feira, quando a situação do Brasil piorou, embora na sexta-feira a moeda do México tivesse reagido um pouco, fechando cotada a 10,3 em relação ao dólar.

No Sudeste da Ásia, a rupia indonésia baixou 13% na sexta-feira em relação ao dólar e o baht da Tailândia caiu 2,3%. Até o won da Coreia do Sul perdeu um pouquinho. Seja qual for a opinião desses países a respeito do valor de suas moedas, a lição dos últimos 18 meses é: o mercado diz a cada país quanto vale sua moeda.

E em grande parte, apesar da estranha experiência do Japão com um iene muito forte numa economia combatida (em arte porque o Japão precisa levar dinheiro de fora para o país a fim de escorar seu sistema bancário), toda moeda deve refletir a opinião dos investidores nacionais e estrangeiros sobre a situação básica de cada economia e os atrativos que ela oferece.

Portanto, se os investidores comecem a achar que outra rodada de desvalorizações nos países em desenvolvimento é inevitável – porque a economia desses países vai mudar para pior –, a desvalorização pode tornar-se uma profecia que se cumpre por ter sido anunciada, pois o dinheiro foge dos países para evitar o risco de ser aviltado ainda mais.

Daí a responsabilidade de fazer com que a economia global continue de pé – tarefa que recai sobre os consumidores dos EUA e dos países europeus, sobre o Federal Reserve (o banco central dos EUA) e o novo Banco Central Europeu (BCE), que precisam manter frouxo o crédito.

“Desvalorizações monetárias em cadeia tornam-se uma ameaça real se a economia mundial começa a ter desempenho muito ruim”, adverte John Lonski, economista no Moody's Investor Service, em Nova York.

O Brasil é responsável por menos de 2% do comércio dos EUA – volume insignificante. A redução, este ano, de algumas exportações americanas para o Brasil pode ser compensada pelo aumento das exportações para a Ásia, que se recupera. (Quanto às exportações que o Brasil faz, esperemos para ver se o café vai mesmo baratear). A estabilidade do Brasil é importante para os EUA, mas secundária. O importante mesmo – para o mundo – é que a economia dos EUA continue vigorosa.